

EDUCAÇÃO DE LABORATÓRIO: VISÃO DO GRADUANDO DE ENFERMAGEM

OLIVEIRA, Nunila Ferreira¹; MUNARI, Denize Bouttelet ²

Palavras-chave: docência, enfermagem, educação baseada em competências.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A própria dinâmica do trabalho em Enfermagem vem exigindo cada vez mais a inserção direta do Enfermeiro em atividades grupais, com caráter assistencial ou gerencial, além de ser também uma exigência de um movimento direto que ultrapassa nossas fronteiras e nos impõem a uma ação cada vez mais centrada no coletivo.

Para o desenvolvimento dessa característica no trabalho em saúde é fundamental o investimento na formação de pessoas com competências que vão além das técnico-científicas (MUNARI, CRUZ e MERANE, 2005). A Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás usa o modelo de Educação de Laboratório proposto por Argyris (1979), na disciplina Saúde Mental II, para o desenvolvimento de habilidades no campo das relações interpessoais na formação dos futuros enfermeiros, articulada com as Disciplinas Estágio 1 (E1) e Estágio 2 (E2), na quinta série do curso, momento em que os acadêmicos ocupam cargos de chefia e gerência e se vêem diante de situações passíveis de serem consideradas como ameaçadoras, experimentadas com muita angústia e insegurança, já que são encarados como profissionais da área e o acompanhamento pelo professor é feito à distância, exigindo deles competência no campo dos relacionamentos interpessoais.

Considerando que nos últimos cinco anos esse recurso é utilizado na formação dos futuros enfermeiros, acreditamos ser fundamental uma avaliação junto aos alunos que foram sujeitos desse processo, para aferir a adequação dessa tecnologia para o grupo estudado e para que os docentes responsáveis pela disciplina e a Unidade de Ensino tenham clareza do alcance de suas ações e identifiquem pontos relevantes em que devem continuar investindo na formação desse profissional.

Sendo assim, temos como objetivos:

- Geral: verificar a repercussão da utilização do modelo de Educação de Laboratório oferecido pela disciplina Saúde Mental II da Faculdade de Enfermagem (FEN/UFG) na formação do Enfermeiro, junto a alunos da última série do curso;
- Específicos:

1- Identificar os aspectos do modelo que mais ajudam o aluno no exercício de ser Enfermeiro;

2- Verificar se o modelo facilita o processo de transição do aluno para o papel de profissional.

2. METODOLOGIA

Estudo de caráter exploratório, de abordagem qualitativa, realizado com 47 acadêmicos da 5ª série do curso de graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, sujeitos ao modelo de Educação de Laboratório, utilizado como estratégia de ensino da disciplina Saúde Mental II, que faz parte da grade curricular do curso, com carga horária de 60 horas.

Os dados foram coletados através de um registro escrito, no qual os alunos foram solicitados a responder a um roteiro semi-estruturado. Após exaustiva leitura o material foi submetido à análise temática de conteúdo (BARDIN, 1977) utilizando categorias pré-definidas, que são as etapas do Modelo de Educação de Laboratório – atividade, análise, conceituação e correlação com o real (CAVE).

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as leituras dos relatórios dados e tendo em vista as categorias pré-definidas: atividade, análise, conceituação e correlação com o real, o material foi analisado e agrupado. De modo geral, as respostas nos permitiram identificar o Modelo de Educação de Laboratório como eficaz para a formação do Enfermeiro, facilitando o processo de transição do aluno para o papel de profissional por todos os 47 alunos (100%) sujeitos à pesquisa, como um meio que transmite segurança e autonomia para a atuação profissional.

A categoria ATIVIDADE descreve a etapa inicial do ciclo, uma vivência realizada com o grupo, durante um tempo definido e envolvendo técnicas e temáticas diferentes que geralmente induzem os alunos, em grupo, a pensar para resolução de problemas, jogos, exercícios, fazer dramatização, comunicação, dentre outros. Na opinião dos alunos esta etapa oferece noção das possibilidades e limites do trabalho grupal, permite observar resultados que pareçam de difícil resolução, descontrai e os mobiliza a participarem de fases posteriores, que são todas relacionadas com a atividade, facilitando a inserção do aluno no seu próprio aprendizado. A categoria ANÁLISE descreve o exame e discussão da atividade, construindo um diagnóstico da situação que permite reformulações, acesso a novas perspectivas de ação com base na análise do grupo e atitudes das pessoas envolvidas. Os alunos destacam nessa fase a evolução no que diz respeito ao desenvolvimento do auto-conhecimento, evidenciam importância deste para estabelecimento de bases sólidas para o relacionamento interpessoal. Ocorre uma maior percepção dos fenômenos grupais, do trabalho em equipe e dos benefícios destes. Na categoria CONCEITUAÇÃO, os alunos destacam a importância do embasamento teórico acerca do tema, oferecendo segurança na análise dos problemas levantados e conexão da atividade com o real, tornando a experiência mais concreta e aprendizagem mais significativa. O material teórico, as informações e os conceitos são fundamentais para o aprendizado, porém o trabalho intelectual é muito mais ativo por parte do aluno que, quando chega nesta etapa reflete sobre a vivência anterior e enriquece o conhecimento obtido com dados formais trazidos pela literatura condizente com o tema estudado e também com a bagagem de conhecimentos que possui. A CORRELAÇÃO COM O REAL é a categoria que consiste na comparação de aspectos teóricos com situações práticas de trabalho, da vida em geral e permite mudança no pensar e agir, através da validação da teoria construída, com demonstração das conseqüências de atitudes analisadas. Segundo Saupé (1998) e Morin (2005), o ensino deve estar em harmonia com o trabalho, associando integradamente a teoria à prática, como processo e como resultado sintético da superação da atual oposição entre saber e fazer, sendo assim os enfermeiros precisam conhecer a realidade e refletir sobre ela, a partir de suas vivências para poderem ousar e propor novos caminhos.

4. CONCLUSÃO

Seguindo a necessidade atual de direcionar o ensino para uma formação que englobe também aspectos relacionados ao relacionamento interpessoal, além do modelo técnico científico vigente, a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, dispõe para os seus alunos através da disciplina Saúde Mental II, uma oportunidade para o desenvolvimento da competência interpessoal, considerando a grande atuação do enfermeiro em atividades gerenciais, nas quais tal característica é imprescindível para uma atuação competente perante a equipe.

Acreditamos que conseguimos cumprir os objetivos estabelecidos para a realização do presente estudo, os alunos nos mostraram que o uso do modelo proposto é eficiente na formação do enfermeiro para coordenação e gestão de grupos e equipes. Os dados mostraram ainda a importância do método na transição do aluno para a vida profissional.

O modelo de Educação de Laboratório avaliado pelos próprios alunos através deste estudo se mostrou eficaz para a compreensão, por parte dos graduandos, da dinâmica das relações humanas, com seus conflitos e peculiaridades, permitindo atuação mais assertiva nas

relações interpessoais, sem a utilização da autoridade na implementação de mudanças, mas sim, que estas sejam alcançadas através de um diálogo aberto, de negociação, com uma liderança aceita e não forçada pelas relações de hierarquia, que acontece na maioria dos processos de gestão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGYRIS, C. *A educação de laboratório refletindo-se em uma teoria de perspectiva em ação*. Trad. Mauro Nogueira. Journal of Applied Behavioral Science, 1979: 15 (3). Disponível em: <<http://www.continents.com/art46.htm>> Acesso em: 15 fev. 2005, 11:22.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

MORIN, E. *Andragogia e grupos: os sete saberes necessários à educação do futuro*. Disponível em: <<http://www.algiconsultoria.com.br/artigos/andragogia-grupos.htm>> Acesso em 17 fev. 2005, 10:41:26.

MUNARI, D.B.; CRUZ, R.M. & MERJANE, T.V. A aplicação do Modelo de Educação de Laboratório no Processo de Formação do Enfermeiro. *Revista de Enfermagem UERJ*, v.13, n. 2. p.263-269, 2005.

SAUPE, R. *Educação em Enfermagem: da realidade construída à possibilidade em construção*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, 260 p.

FONTE DE FINANCIAMENTO – FUNAPE-CNPq/PIBIC